



Espiritualidades e dinâmicas sociais: memória e perspectivas Releitura do 27º Congresso da SOTER

Spiritualities and social dynamics: memory and perspectives

A review for the 27th SOTER Congress

Ceci Maria Costa Baptista Mariani*

Resumo

Esta é uma comunicação sobre o 27º Congresso da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) realizado entre os dias 15 e 18 de julho de 2014. Atendendo a proposta definida em assembleia realizada em 2013, o Congresso assumiu como fio condutor a relação entre espiritualidades e dinâmicas sociais e propôs um debate sobre a espiritualidade como força de resistência em tempos de opressão. Nesta releitura são destacados alguns pontos que representaram provocações importantes, em vista de um aprofundamento que se faz necessário, para se pensar novas perspectivas no âmbito da relação entre religião e sociedade.

Palavras-chaves: Soter; espiritualidades; política; religião.

Abstract

This is a communication regarding the 27th congress of the Society of Theology and Religious Studies (SOTER), held between the 15th and 18th of July, 2014. According to the proposition established by 2013's assembly, the Congress assumed as common thread the relationship between spiritualities and social dynamics and also offered a debate about spirituality as endurance in times of oppression. This review highlights some topics that brought up important provocations, considering a needful depth, in order to think of new perspectives in the context of the connection between religion and society.

Keywords: SOTER; spiritualities; politics; religion.

Comunicação submetida em 29 de julho de 2014 e aprovado em 09 de Setembro de 2014.

* Doutora em Ciências da Religião. Professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. País de origem: Brasil. E-mail: cecibm@puc-campinas.edu.br.

Realizou-se nos dias 15, 16, 17 e 18 de julho de 2014 o 27º Congresso da SOTER que teve como tema “Espiritualidades e dinâmicas sociais: memórias e perspectivas”. Evento importante para a pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, o congresso contou com a presença de 546 participantes, sendo que dentre estes 327 apresentaram comunicações nos Grupos de Trabalhos (GTs) e nos Fóruns Temáticos (FTs). Terminado o Congresso, relendo o que foi apresentado, podemos destacar alguns pontos que representaram provocações importantes para o nosso aprofundamento.

Em primeiro lugar, merece destaque a maneira como o Congresso se intitulou, usando o termo espiritualidade no plural. A opção de usar o termo no plural já é sinal de transformação. Revela o esforço que teólogos, teólogas e cientistas da religião estão fazendo para enfrentar o desafio do pluralismo. No âmbito da teologia, uma compreensão de Revelação que distingue Fé e Crença (HAIGHT, 2004) tem permitido o tratamento do termo no plural. Espiritualidade foi definida como modo de viver, de situar-se perante Deus, o mundo e a si mesmo e se refere a um conjunto de atitudes e crenças que caracterizam a vida espiritual das pessoas, dos grupos, uma experiência singular que se expressa, no entanto, nesse mundo de diversidade religiosa e cultural, de maneira plural. Toda espiritualidade, ou melhor, as espiritualidades implicam também uma prática, têm sempre relação com a sociedade já que não se pode conceber o humano isolado.

Interessante foi perceber, também, no enunciado do Congresso, a maneira como os estudiosos da religião estão fazendo a interlocução com a sociologia, isto é, como, a partir das sugestões da última assembléia, se procurou abrir um espaço de debate para discutir a dimensão social das espiritualidades, tendo como pressuposto a pluralidade também em termos sociais. Fomos convidados, portanto, a partir da provocação da maneira como o Congresso se intitulou, a refletir sobre a dimensão social da espiritualidade considerando que a sociedade se constitui em meio a uma diversidade de “dinâmicas sociais”. Tivemos a oportunidade de compor nossa síntese contando com conferências mais sistemáticas e também com

narrativas de vivências. Remando contra a corrente que nos arrasta para os tempos líquidos, vimos valorizada a tradição nas memórias das duras vivências de militantes cristãos nos tempos de ditadura militar, “anos de chumbo”.

Outro ponto a destacar é a importante crítica do padre jesuíta Fernando Montes, reitor da Universidade Alberto Hurtado no Chile, à compreensão de espiritualidade, as seis tentações que desafiam a espiritualidade cristã, mas também desafiam outros caminhos espirituais. Tentações quase todas relacionadas ao “abandono do mundo” e que tem como consequências: o intimismo, o perfeccionismo, o elitismo, o isolamento, o dolorismo. A tradição cristã, em sua expressão católica, com o Concílio Vaticano II e as Conferências Episcopais Latino-americanas – observou o conferencista –, convida a uma espiritualidade comprometida com as dinâmicas sociais, aberta ao acolhimento da revelação na história e atenta à vitimização dos pobres. Em termos de perspectiva, ele enumera alguns desafios advindos das novas dinâmicas sociais tais como a globalização, a mobilidade humana e os riscos de desumanização, o consumismo e a cultura do espetáculo.

Complementando a reflexão sobre a espiritualidade, encontramos publicado no livro do Congresso um artigo de Faustino Teixeira, pesquisador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UFJF, intitulado “O resgate da espiritualidade no cotidiano” (PANASIEWICZ; VITÓRIO org., 2014). Esse texto nos convoca a pensar sobre o sentido plural da espiritualidade. Distinguindo espiritualidade de mística, e também de religião, ele vai propor entender a espiritualidade, em sintonia com Raimon Panikkar, como caminho para alcançar a experiência integral da vida ou da realidade. A espiritualidade é cultivo de uma dimensão fundamental, um caminho para a profundidade, “traduz um modo de ser, uma atitude essencial que acompanha o ser humano em cada passo de seu cotidiano” e envolve, portanto, uma realidade mais ampla, não se limita a uma religião precisa, a doutrinas ou confissões específicas. “Ela expressa uma energia que é comum a todos, independente de crença religiosa, visibilizando a dimensão

de profundidade da própria condição humana” (p.152). Essa compreensão inclui na pluralidade de caminhos, também as espiritualidades não religiosas.

Para trabalhar a relação entre espiritualidades e dinâmicas sociais tivemos a oportunidade de ouvir duas narrativas que fizeram memória crítica da vivência de cristãos envolvidos com a vida política no Brasil durante os “anos de chumbo”, solo duro em que floresce, em meio às contradições da religião, uma espiritualidade profética portadora de uma energia religiosa que se manifesta como força de resistência no contexto de opressão. Jovens católicos e jovens protestantes viveram processos semelhantes e ofereceram como legado uma visão mais positiva da relação entre fé e política, experimentaram a religião não mais como “linguagem dos cegos” (ideologia), mas como “suspiro dos oprimidos”, força de transformação (ALVES, 1984).

O sociólogo Luís Alberto Gomes de Souza analisou, a partir da perspectiva da Igreja Católica, a militância de cristãos envolvidos com a política brasileira antes, durante e após ditadura. Referiu-se aos anos mais duros (1968-1979) como “década gloriosa”, tempo em que se destacam posturas próprias de um cristianismo profético, isto é, de uma vivência religiosa que impele à denúncia das injustiças sociais. Emerge nesse momento uma espiritualidade que tem em seu fundamento a percepção da presença de Deus na força que emana da vivência de fé entre os pobres. O conferencista chamou a atenção para a ambivalência da Igreja, no interior da qual se observam posições políticas diferentes e contraditórias, ora favoráveis ao golpe militar, ora críticas. Fez memória de figuras marcantes na luta pelos Direitos Humanos. Seu testemunho fez ver que nesse momento de resistência, pensamento, prática e fé se fecundaram mutuamente. Para o momento atual, ele trouxe como questionamento o problema da dificuldade que tem a Igreja Católica como instituição em enfrentar questões que desafiam o cristão no âmbito da sexualidade e da família e também questões ainda relacionadas ao problema da laicidade, tais como o pluralismo, a democracia, a liberdade de consciência. Questionado sobre fenômenos atuais em que se observam movimentos tanto de

apoio ao retorno à ditadura, quanto de indignação e protesto de jovens na rua ele responde que é preciso saber trabalhar com a ambiguidade e que, no que diz respeito à indignação do jovens, considera positiva desde que o desencanto não leve ao afastamento da realidade e à falta de proposição.

Leonildo Silveira Campos, professor titular da Universidade Metodista, por sua vez, fez sua análise a partir do protestantismo. Sua narrativa quis ser uma amostra de como religião, política, teologia e espiritualidade se articulam em um determinado momento da história do Brasil. Fazendo também memória dos “anos de chumbo”, vai mostrar como formas de reflexão teológica e de espiritualidade, demonstradas por vários setores do protestantismo brasileiro, serviram de base para o apoio e legitimação da ditadura militar. Entretanto, no âmbito do protestantismo se constatou a mesma ambiguidade sofrida pelos cristãos católicos frente a posições de membros da Igreja com preocupações mais institucionais. Leonildo fez referência à importante presença e influência exercida pelo missionário norte-americano Richard Shaull que trabalhou no Brasil entre 1952 e 1962. Trabalhando no Seminário Presbiteriano de Campinas, Shaull, foi responsável pela introdução de teólogos considerados “modernistas”, desconhecidos no Brasil, e também pela sensibilização para uma espiritualidade atenta às transformações sociais, pois, para ele, era urgente que os cristãos despertassem para uma ação engajada junto aos necessitados e sintonizada com o momento revolucionário vivido no Brasil e na América Latina naquele momento. Dessa memória, Leonildo relaciona duas grandes conquistas: o exercício do pensamento crítico e o reconhecimento do valor do processo de secularização.

Outro relato testemunhal e analítico importante foi o do sociólogo Ivo Lesbaupin, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre prisões e torturas sofridas por cristãos nos tempos de ditadura militar, fatos que precisam ser lembrados para que não voltem a acontecer.

No contexto dessas narrativas sobre o envolvimento político motivado por convicções religiosas em meio às ambiguidades da relação entre religião e política,

é importante trazer ao debate, que deve continuar para além do Congresso, a advertência do Pe. Vaz que alerta para o perigo da “degradação da mística em política”. Ao considerar a relação entre espiritualidades e dinâmicas sociais, a relação entre fé e política, é preciso ter clareza de que se trata de dois âmbitos diferentes, é preciso ter presente que existe

uma distância intransponível entre a exigência absoluta do dom de si, que move a autêntica experiência mística, e os direitos e deveres que nos ligam aos fins relativos de convivência humana, onde a arte política, à luz da virtude intelectual da prudência, empenha-se na difícil e delicada tarefa de conciliar o possível e o melhor (VAZ, 2000, p.83).

Na relação entre fé e política, é preciso ter cuidado com a absolutização ideológica da própria ação política.

Em termos de perspectivas, a conferência da socióloga Sílvia Regina Alves Fernandes procurou trazer elementos para pensar a relação espiritualidades e dinâmicas sociais vividas pela juventude hoje. Para onde aponta a vivência do jovem? A idéia de experimentação é adotada pela pesquisadora para falar das escolhas juvenis contemporâneas no campo da religião e da política. Juventude que transita com leveza pelas várias opções espirituais e políticas em busca de modelos, mas sem condições e instrumentos que possibilitem a construção de sínteses que possam orientar o discernimento. Trânsito e busca de permanência parecem ser categorias para as quais devemos nos atentar no esforço de compreender as novas formas de escolhas de caminhos espirituais na sociedade atual.

Durante o Congresso houve ainda um momento de troca de experiências de alcance internacional. Teólogos e teólogas de vários países, membros da Insect (Rede Internacional de Sociedades Católicas de Teologia), fizeram um relato sobre o desenvolvimento da teologia em seus respectivos países e falaram sobre perspectivas e desafios.

E por fim, vale destacar a conferência do teólogo Agenor Brighenti, professor-pesquisador e coordenador do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, sobre as inovações da teologia latino-americana. Em sua fala, ele apontou elementos na natureza, lugar e função da Teologia da Libertação que respondem de maneira atual os desafios da relação entre vivência espiritual e engajamento social hoje. O fato da Teologia da Libertação ser plural por natureza pelo encontro com religiões e culturas, de ter como objeto a experiência humana de fé em Deus e não Deus como uma realidade em si mesma e de poder contribuir com a academia, a comunidade de fé e o serviço ao mundo como um saber militante, mostra que ela ainda tem grande potencial para trabalhar religião e sociedade no sentido que se enunciou o Congresso, considerando o desafio do pluralismo de caminhos espirituais e o tipo de desafios que nos colocam hoje as dinâmicas sociais marcadas por maior fluidez mas ainda promotoras de exclusão e sofrimento. A excelente sistematização oferecida ao plenário suscitou falas que indicaram a interculturalidade como um campo urgente de reflexão, e também liberdade (teologia pública) e a consciência planetária (teologia planetária) como importantes temas de debate.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
- HAIGHT, Roger. **Dinâmica da Teologia**, São Paulo: Paulinas, 2004.
- PANASIEWICZ, Roberlei; VITÓRIO Jaldemir. **Espiritualidades e Dinâmicas Sociais: memória e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- VAZ, Henrique C. de Lima. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.